

UMA LEITURA QUE CAMINHA POR QUARENTA E NOVE PENSADORES QUE CONSTRUÍRAM PARTE SIGNIFICATIVA DA FILOSOFIA

Rogério Duarte Fernandes dos Passos¹

RESUMO

Resenha que traz a obra de Cláudio Blanc, trazendo por meio da síntese de quarenta e nove filósofos, uma breve História da Filosofia.

ABSTRACT

Review about the book of Cláudio Blanc, approaching through the synthesis of forty-nine philosophers, a brief History of Philosophy.

Palavras-chave: Resenha de obra que traz temas de Filosofias. História do pensamento filosófico. Desenvolvimento da Filosofia.

Keywords: *Review about a book bringing themes of philosophies. History of philosophical thought. Development of Philosophy.*

Resenha. BLANC, Cláudio. **A História da Filosofia através das Ideias dos Maiores Pensadores**. Barueri: Camelot, 2021, 225 p.

1. Sobre o autor

Cláudio Blanc, filósofo de formação, escritor e tradutor com longa experiência no mercado editorial, por meio de “A História da Filosofia através das Ideias dos Maiores Pensadores”, publicada pela Camelot Editora, objetiva trazer um panorama da experiência e desenvolvimento do pensamento e da sistematização de ideias de distintas personagens ao longo da trajetória da filosofia ocidental.

¹ Mestre em Direito Internacional pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente em escolas técnicas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CEETEPS), no Estado de São Paulo. E-mail: rdfdospassos@gmail.com.

Por meio das principais ideias de quarenta e nove filósofos, o autor constrói uma História da Filosofia, conduzindo a percepção do surgimento de princípios que especificar-se-ão em correntes filosóficas indagadoras e constatadoras do estado da arte no pensamento e na cultura.

2. Sobre a obra

Outrossim, o texto se inicia com Tales de Mileto (ca. 623-624 - ca. 556-558 a.C.), dentro da chamada “Escola Jônica”, que é considerado o “fundador da filosofia ocidental” – a partir do problema do “princípio” (“arché”), donde se tem o seu “pontapé inicial” da sistematização dessa área do saber –, perpassando a Matemática e o Teorema de Tales, com a materialização de impulso para a abstração e a substanciação de uma jornada de conhecimento que se estende pela História, e obviamente, pela presente obra resenhada, seguindo-se os filósofos mencionados ao longo deste texto.

Eis, então, que Heráclito de Éfeso (ca. 500 a.C. - 450 a.C.) enuncia um espaço em mobilidade, no qual tudo é fluido, enunciando a reflexão sobre um mundo vivo, um organismo em movimento, como em movimento ter-se-ia a Filosofia, na sua tarefa de elucidar uma realidade em permanente transformação.

Por seu turno, Demócrito de Abdera (ca. 460-370 a.C.), imagina os átomos, dando continuidade ao mestre Leucipo (Século V a.C.), enunciando que todas as coisas do derredor são por eles formados, com a existência de outros mundos. Uma trajetória que, por óbvio, considera Sócrates (ca. 469 ou 470-399 a.C.), que em seus diálogos pugnava por um método para buscar o conhecimento, e mesmo sem deixar nada escrito, foi retratado pelos discípulos Platão (428 ou 427-348 ou 347 a.C.) – propondo a cidade ideal, em sua “A República” –, Xenofonte (ca. 430-354 a.C.) e Aristófanes (447-386 a.C.), com suas peças teatrais. Por certo, esses nomes substanciam toda a cultura ocidental, que beberá dos ensinamentos dos gregos como forma de enfrentamento das vicissitudes da existência e da própria realidade.

Nesse ínterim, Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, traz contribuição decisiva para a edificação de um pensamento científico, pois que todos os homens buscam o conhecimento, no que não prescinde para essa tarefa de seu silogismo, em que as premissas conduzem à conclusão.

Já por meio de Epicuro de Samos (341-270 a.C.), repete-se a crença do corpo formado por átomos, e privilegiando os sentidos, expondo que dor e prazer são professores do que se deve buscar e daquilo que se precisa evitar, em desejo de tranquilidade para o corpo e nutrição em favor da vida.

E eis que chegamos no romano Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), com seu estoicismo, com o filósofo fiel ao conhecimento – apesar do destino e da morte como algo inevitável, inexorável –, trazendo o cumprimento do dever como préstimo à humanidade e, mesmo na posse de bons recursos, tendo ele vida modesta, moderada, justificando a expressão “paz estoica”. Pelas acusações do imperador Nero (37-68) na chamada “Conspiração de Pisão”, Sêneca foi condenado a se suicidar, momento em que não descuidou de seu estoicismo e paz.

Em Agostinho de Hipona (354-430) – o Santo Agostinho –, temos a assertiva na tese que a Filosofia dita pagã poderia conciliar-se na fé cristã, em que a própria razão contribui para a fé, no aforismo *credo ut intelligam*, prosseguindo o caminho da Filosofia clássica no período medieval por meio de Boécio (ca. 470-ca. 525), que trouxe a questão dos universais de Aristóteles, onde se discute se eles são coisas ou se são apenas palavras.

Da tradição da filosofia escolástica, onde fé e razão assumem protagonismo central, temos Anselmo de Cantuária (ca. 1033-1109), prosseguindo no período medieval conciliando esses dois elementos, e no bojo do escolasticismo, deduzindo argumentos ontológicos para a comprovação da existência de Deus.

São Tomás de Aquino (1225-1274), com o seu tomismo e ainda no interior da escolástica, apresenta uma razão não conflitante com a fé, de forma que os dogmas do Cristianismo se associam com a Filosofia de Aristóteles, estatuidando vias para a existência de Deus (BLANC, 2021, p. 78-79).

Com Meister Eckhart (1260-1328), a jornada da filosofia abordada na obra prossegue no neoplatonismo e misticismo ocidental, investigando o que Deus não é, pois que a existência seria “uma imperfeição para o Absoluto” (BLANC, 2021, p. 82).

Nicolau de Cusa (1401-1464), pai da Filosofia alemã, buscava cooperação para o alcance de unidade para a humanidade, sendo o homem, não uma cópia, mas verdadeiro sinal do Ser Supremo, de forma que por meio das coisas materiais se torna possível aproximar-se dele,

estatuindo um raciocínio no qual inexistente proporção perfeita entre o objeto conhecido e o nosso conhecimento dele, no bojo de uma ciência de base conjectural (BLANC, 2021, p. 86-87).

Em Erasmo de Roterdã (ca. 1466 ou 1469-1536) verifica-se um humanismo, enunciando um ideal ético para os príncipes, com vistas a regeneração da Europa, capaz de conduzi-la a um programa de paz (BLANC, 2021, p. 90-91).

Por outro lado, o realismo político é desvelado por meio de Nicolau Maquiavel (1469-1527), trazendo as mazelas da ação política amoral, que, em consequência, dota o soberano de “virtú” para a manutenção do poder em face dos seus súditos (BLANC, 2021, p. 93-97).

Já Michel de Montaigne (1533-1595) enveredou-se no ceticismo, buscando demonstrar como as questões pessoais e culturais agem sobre as ideias, no interior de uma verdade inalcançável pelo ser humano, sendo necessário domar as paixões e tornar-se útil (BLANC, 2021, p. 99-101).

Francis Bacon (1561-1626), no bojo do empirismo – donde se infere que o conhecimento tem base sensorial, alicerçada na experiência –, traz a proposta de se pensar em uma ciência que traga benefícios à humanidade, de forma que o domínio da natureza pressuponha o conhecimento de suas leis (BLANC, 2021, p. 103-105).

E em René Descartes (1596-1650), a Filosofia persegue a ciência, caminhando na busca de um viés lógico, de forma que verificar, analisar, sintetizar e enumerar são etapas para a busca do verdadeiro e do alcance de consciência.

Considerado um empirista, Thomas Hobbes (1588-1678) contribui grandemente com a política, refletindo sobre o estado de natureza – supondo uma possível guerra de todos contra todos e “o homem como lobo do homem” – e a correspondente necessidade do pacto social, em que os indivíduos renunciam à sua liberdade em favor de um soberano absoluto (BLANC, 2021, p. 111-113).

Blaise Pascal (1623-1662), além de inventar a máquina de calcular, dissertou sobre as probabilidades, e sem deixar de confiar na experiência, concitou os homens a buscarem o conhecimento sobre si mesmos para a regulação da vida (BLANC, 2021, p. 115-117).

Em Baruch Espinosa (1632-1677) exsurge Deus como a única substância, em uma visão menos grosseira, supondo o pleno movimento da natureza (BLANC, 2021, p. 119-121).

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) retoma o sonho da confederação de Estados europeus, contribuindo também na Matemática em favor da onipotência da razão, crendo que o real se revela pela experiência (BLANC, 2021, p. 123-125).

Voltaire (1694-1778), pseudônimo utilizado por François Marie Arouet, promove a cosmologia de Isaac Newton (1643-1727) na França, pugnando pela liberdade de imprensa, com críticas à Igreja, clero e ao próprio absolutismo, trazendo o respeito à lei como referência em um âmbito liberal e racional.

Já Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) manifesta-se por um homem que nasce puro, corrompido pela sociedade e suas instituições educativas, idealizando um estado de natureza feliz e inocente, inspirando a própria Revolução Francesa e pugnando um ser capaz de caminhar em direção à perfectibilidade (BLANC, 2021, p. 131-134).

David Hume (1711-1776) prossegue na escola empirista – e mesmo no ceticismo – no chamado Iluminismo escocês, propondo não ser possível conhecer a realidade, vez que o homem se submete aos sentidos (BLANC, 2021, p. 135-137).

Com o trabalho do prussiano Immanuel Kant (1724-1804), temos o pensamento que assinala em definitivo o seu nome nas questões de epistemologia, metafísica e ética, trazendo como fontes de compreensão do saber humano a sensibilidade (na percepção dos objetos) e entendimento (onde eles são pensados), de forma que conjugando-se ambos os elementos se têm a experiência do real (BLANC, 2021, p. 139-142).

Em Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), prossegue-se no idealismo alemão, desejando uma Filosofia apta a transformar a realidade, com liberdade de pensamento e tendo o mundo como algo projetado fora do homem (BLANC, 2021, p. 143-145).

Com Friedrich von Schelling (1775-1854), no período romântico, será necessário que o ser humano mergulhe dentro de si o motivo de ser, trazendo a arte como norte rumo ao absoluto (BLANC, 2021, p. 147-149), e em Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), o idealismo alemão adquire ainda maior vulto, substanciando a dialética, rumo ao conhecimento (BLANC, 2021, p. 151-153).

Arthur Schopenhauer (1788-1860), com diferentes influências – e em momento de rivalidade com Hegel –, localizava o desejo como causa de sofrimentos do ser humano, sendo necessário na auto intuição buscar a própria vontade, a realidade e o absoluto (BLANC, 2021, p. 155-157).

Søren Kierkegaard (1813-1855), dinamarquês, precursor da corrente filosófica do existencialismo, pensou pela compreensão da realidade concreta do ser humano aliada às escolhas e compromissos destes assumidos ao longo da vida (BLANC, 2021, p. 159-161). E eis que o existencialismo se faz representado e substanciado no trabalho do francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), enunciando uma existência que precede a essência, de forma que a liberdade é uma jornada de atribuição de sentido à vida, no que somos responsáveis por nós mesmos (BLANC, 2021, p. 199-202), e com a francesa Simone de Beauvoir (1908-1986), que igualmente contribuiu para o entendimento da angústia como espaço de reflexão, além de abordar a questão da mulher e o próprio feminismo (BLANC, 2021, p. 207-209).

Karl Marx (1818-1883) desenvolveu o pensamento de Hegel, e ao lado de Friedrich Engels (1820-1895), idealizou um novo modelo econômico em estágios socialista e comunista (BLANC, 2021, p. 163-166).

Friedrich Nietzsche (1844-1900) traz sua filosofia em aforismos, de forma fragmentada e “à marteladas”, pugnando por um pensamento crítico às restrições da criatividade diagnosticadas no pensamento e tradições ocidentais (BLANC, 2021, p. 167-169).

Em Henri Bergson (1859-1941), há a oposição de espírito e matéria, trazendo um princípio vitalista – o *elã* – impulsionador da criação e originário da vida, com rejeição de materialismo, determinismo e mecanicismo (BLANC, 2021, p. 171-173).

Miguel de Unamuno (1864-1936) representa a Espanha no pensamento humanista e existencialista, em valorização das virtudes humanas (BLANC, 2021, p. 175-177), e Bertrand Russell (1872-1970), filósofo britânico e também matemático, contribuiu no campo da lógica e filosofia da linguagem, demonstrando suas relações com o real e as suas sentenças representativas, por óbvio, sem prejuízo do recurso à razão (BLANC, 2021, p. 179-181).

Com Karl Jaspers (1883-1969), novamente o existencialismo ganha fôlego rumo à descoberta do conhecimento, às perturbações da existência e à concepção da Filosofia como busca da própria verdade (BLANC, 2021, p. 183-185), e também com o alemão Martin Heidegger (1889-

1976), refletindo sobre a existência humana em seus significados mais profundos, relacionados ao próprio ser e ao real sentido metafísico da verdade (BLANC, 2021, p. 187-189).

Ludwig Wittgenstein (1889-1951), um dos fundadores da Filosofia analítica, tendo-a como ferramenta para melhor compreensão da realidade via experiência, ainda a toma como referência para o entendimento dos contextos de produção de comunicação (BLANC, 2021, p. 191-193).

Herbert Marcuse (1898-1979), no interior chamada Escola de Frankfurt – com suas críticas à transformação dos bens artísticos em mercadorias capitalistas –, produziu análises sobre o fenômeno da massificação da indústria cultural, com interfaces nos estudos da psicanálise e na elaboração de uma teoria crítica do conhecimento (BLANC, 2021, p. 195-198).

Em Hannah Arendt (1906-1975), uma das filósofas mais expressivas de todo o Século XX, se estudou a natureza humana, contribuindo para a teoria política, a ontologia, a compreensão das origens do totalitarismo e banalização do mal e, mesmo, da própria violência (BLANC, 2021, p. 203-205).

Roland Barthes (1915-1980) prosseguiu no rol de filósofos franceses com estudos sobre interfaces entre literatura e poder, destacando o sentido político das linguagens e o nascimento do autor com a redação do texto (BLANC, 2021, p. 211-213), e, ainda da França, Michel Foucault (1926-1984), com abordagens sobre o estruturalismo, poder – e respectiva produção de discursos –, sistema prisional e entendimento do pensamento humano (BLANC, 2021, p. 215-217), bem como Jacques Derrida (1930-2004), com trabalhos sobre a relação da metafísica com o discurso e seu método de desconstrução como possibilidade de descoberta de significados ocultos nos textos (BLANC, 2021, p. 219-220).

As informações conceituais, metafísicas e biográficas, portanto, que nos são trazidas por Cláudio Blanc, oferecem um panorama preliminar de entendimento do desenvolvimento das ideias na História da Filosofia, nos permitindo visualizar a própria cultura como uma contribuição sedimentada por diferentes nomes, em distintas épocas, contextos e lugares, assimilando e ressignificando a experiência humana em direção à busca do ideal de certeza, orientador do próprio desiderato de adiantamento, elucidação e aperfeiçoamento que permeia as relações de conhecimento.

Por derradeiro, considerando a Filosofia como objeto de estudo na educação, “A História da Filosofia através das Ideias dos Maiores Pensadores”, de Claudio Blanc, revelando ser significativa contribuição para o estudo da disciplina, cumpre com o objetivo de introduzir temas caros às diferentes reflexões educacionais por meio de uma linguagem acessível, de forma a permitir o aperfeiçoamento da práxis de estudantes, educadores e equipes gestoras no ambiente escolar.